



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES

PRESIDENTE: EDIR SALES

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 27-09-2023

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone
- Exibição de imagens

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Bom dia.

Primeiro eu vou fazer minha autodescrição: eu sou uma mulher negra, de cabelos pretos, crespos, estou vestida com uma camiseta regata rosa, estou aqui sentada numa mesa que tem um tecido com adinkras africanas.

Presidindo a Comissão de Educação, Cultura e Esportes, declaro abertos os trabalhos dessa audiência pública, que tem como tema a formação cultural: programas vocacionais, PIÁ e PIAPI.

A reunião está sendo transmitida através do endereço www.saopaulo.sp.leg.br, no link Auditórios *Online* e também pelo YouTube e Facebook da Câmara Municipal de São Paulo.

As inscrições para pronunciamento remoto foram previamente abertas no *site* da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.saopaulo.sp.leg.br/audiênciaspúblicas.

Informo que as inscrições para pronunciamento presencial estão abertas junto à secretaria da Comissão. Estão presentes na sessão: Vereadora Elaine do Quilombo Periférico e Vereador Nunes Peixeiro estava presente.

Bom dia, depois da abertura regimental aqui da Câmara Municipal de São Paulo, quero dar bem-vindos e bem-vindas a todos que estão aqui hoje. Esse é um dia importante para a gente, é um PL que tem sido construído, tem um histórico inclusive anterior a este, mas que vem sendo mais uma vez construído a muitas mãos, com trabalhadoras e trabalhadores dos programas, pessoas interessadas nos programas. Então, para a gente é muito importante quando conseguimos fazer um processo como esse, porque é um processo e a forma que a gente acredita que é possível fazer as coisas.

Bem-vindos a todos e todas, desculpem-me que a gente não conseguiu uma sala maior, mas temos restrições de espaço aqui na Câmara, porque hoje é o dia que funcionam as Comissões, é um dia de funcionamento normal da Câmara, mas acho que vai dar para todo mundo acompanhar. Estamos com alguns probleminhas técnicos, mas estamos nos esforçando para resolver. Como eu falei, as inscrições *on-line* começam quando a gente começa a publicar

as audiências públicas, então elas estão abertas, já estavam abertas, há seis pessoas inscritas e quem quiser se inscrever pode procurar a secretaria da Câmara e fazer a inscrição aqui para falar hoje.

Temos alguns convidados aqui na Mesa. Vou fazer uma leitura de todas as pessoas que foram convidadas para a audiência, inclusive as que não estão aqui.

Foram convidadas para esta audiência: Ana Gira Sol, Coordenadora de equipe do PIAPI; Celso Frateschi, disparador do programa Vocacional, responsável pela implementação do programa nos anos 2000; Eduardo Mafalda, Coordenador Artístico Pedagógico do programa Vocacional; Fafi Prado, articuladora do Projeto de Lei Programas: Vocacional, PIÁ e PIAPI; Fernanda Machado, Coordenadora do Vocacional em anos anteriores; Ingrid Sena, representante do PIAPI; Joice Jane Teixeira, articuladora do Projeto de Lei Projeto de Lei Programas: Vocacional, PIÁ E PIAPI; Aline Torres, Secretária Municipal de Cultura, representada pelo Sr. Thiago Lobo, Secretário-adjunto de Cultura; Ligia Jalantonio, supervisora de formação cultural pela Secretaria Municipal de Cultura; José Carlos Suci Jr., responsável pelo diálogo com os programas via Secretaria Municipal de Educação; Tamiris da Silva Ferreira, artista educadora do PIAPI.

Sempre fazemos questão de convidar também a Secretaria Municipal de Cultura, por ser um diálogo importante para que a gente consiga avançar com o projeto de lei.

Recebemos do Celso Frateschi, que não pôde estar, um vídeo, mas vamos deixar para o final, por conta dos problemas técnicos. Temos dois outros vídeos que são vídeos dos programas. Vamos passar os vídeos, caso a gente não consiga entender porque está baixo, passamos novamente no final e vemos como conseguimos compartilhar.

- Apresentação de vídeo.

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Antes de seguir, eu queria agradecer ao Davi e à Andrea, que são do PIAPI, que estão lá embaixo. Eles montaram um espaço para as crianças, caso venham algumas crianças para esta audiência. Muito obrigada, Davi e Andrea, que estão lá embaixo aguardando as crianças, montando um espaço muito importante para elas também, de acolhimento.

Também queria informar que a Vereadora Edir Sales, que é Presidente da Comissão de Educação e Cultura, não pôde estar presente hoje na audiência pública porque está em uma reunião do Tribunal de Contas; mas ela pediu, fez questão de fazer um salve para dizer que apoia totalmente o projeto e que está muito feliz que a gente está fazendo esta audiência. Esse é um apoio muito importante, para a gente ter respaldo da Presidente da Comissão de Educação da Câmara Municipal de São Paulo.

Vamos fazer uma apresentação do programa.

- Oradora passa a se referir a imagens projetadas virtualmente.

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – O mandato Quilombo Periférico protocolou esse projeto agora, em 2023. Esse é um projeto que, na verdade, está sendo reelaborado por um GT interprogramas. Aí, vou salientar mais uma vez a importância de existir esse grupo de trabalho fazendo esse programa, porque, quando a gente está nesse espaço, é muito fundamental que quem faz parte da política que quem aplica a política, que quem utiliza a política consiga dizer como ela precisa ser fundamentada. Por isso, esse grupo de trabalho.

Quero salientar que ele não serviu só para reelaborar o projeto de lei, mas ele também precisa acompanhar todo o processo dele tanto aqui na Câmara Municipal como também depois de aprovada a implementação, todo o outro processo.

Foram aproximadamente quatro meses de trabalho compartilhado. O PL 461/2016 dispõe sobre o estabelecimento dos Programas de Iniciação Artística para a Infância – PIAPI, Programa de Iniciação Artística – PIÁ e Vocacional no âmbito da Secretaria Municipal de Cultura e da Secretaria Municipal de Educação, e dá outras providências.

A gente apresentou um substitutivo a esse PL, o que significa que já existia um PL tratando desse tema. Aí, a gente apresenta um para substituir.

Seria bom, primeiro, falar do PL anterior. A primeira versão do PL foi construída em 2016 e foi protocolada pelos Vereadores Nabil Bonduki, Toninho Vespoli, Juliana Cardoso e Sâmia Bomfim. Em 2021, foi feita uma atualização, em diálogo com o Quilombo Periférico, só que só conseguimos 14 assinaturas dos Vereadores, mesmo a gente tendo recebido um parecer favorável da Secretaria Municipal de Cultura. Então, a gente voltou a trabalhar no PL para apresentar outro substitutivo.

Acho interessante falar de alguns pontos principais, que foram alterados nesse PL. ou seja: quais foram as diferenças? O que foi acrescentado? O que foi alterado nesse programa? Primeiro, a inclusão do PIAPI, de iniciação artística para a primeira infância. Há alterações também na idade em cada um dos programas. O PIAPI passou a ser de zero a cinco anos; o PIÁ, se 6 a 13; e o Vocacional, a partir de 14 anos. Ainda: a inclusão de artistas coordenadores (artístico-pedagógicos, de equipe e de áreas).

Ainda: adequação ao calendário escolar, sendo que as contratações devem iniciar no começo do ano para garantir que o início dos encontros com as turmas acompanhe o calendário, para não haver desencontro das férias das crianças e dos pais com o decorrer dos programas; e os editais, também, precisam garantir acessibilidade das pessoas com deficiência. Inclusão da atuação em espaços parceiros, além de equipamentos da Secretaria de Cultura e da Secretaria de Educação que sejam adequados ao projeto. Essa era uma demanda antiga, conseguir fazer com que o projeto funcionasse em ocupações culturais, em equipamentos outros que funcionam como equipamentos de cultura, sobretudo porque há muitos territórios onde não

existem equipamentos públicos das Secretarias de Cultura e de Educação do município que poderiam receber esse programa. Então, essa era uma demanda importante.

O número de equipamentos atendidos não deve ser, preferencialmente, inferior ao do edital anterior. Isso garante que o edital sempre contemple um número maior de pessoas atendidas e não retroceda. E, para os programas PIÁ e PIAI, os educadores atuarão nos encontros em duplas, trios ou quartetos, a depender do tamanho das turmas.

Prevê a contratação de artistas para substituição de contratos suspensos por motivos de acidente de trabalho. Nesses casos, os contratos só poderão ser suspensos depois que a licença médica ultrapassar 90 dias de afastamento. Os contratos poderão ter duração de até 24 meses, mantendo a vigência de um edital com duração bianual.

Agora, vamos falar um pouco do percurso do projeto na Casa. Acho importante ressaltarmos algumas coisas de quando a gente chega com um projeto de lei na Casa, que é uma tarefa difícil de fazer. É bem incomum, inclusive, que a gente tenha uma participação bem ativa das pessoas na construção de um projeto de lei. Mas ela é fundamental; então, a gente tem procurado seguir esse caminho. Isso pode fazer com que esse PL demore um pouco mais para ser aprovado; mas, para a gente, isso não é um problema porque é mais importante garantir que a gente aprove algo que esteja realmente de acordo com o que é praticado no dia a dia das pessoas e que vire uma política efetiva.

Quando a gente protocola novamente um PL, a gente precisa de apoio, de assinaturas dos Vereadores da Casa para que ele possa seguir. Esse é um trabalho que precisamos fazer aqui, mas, em geral, ajuda muito quando as pessoas também aparecem nos gabinetes dos Vereadores e pedem apoio para esse PL. Então, esse é um trabalho também feito em conjunto pela mandata, mas também por quem puder disponibilizar esse tempo de vir conversar na Casa com os Vereadores. Isso nos garante não só essa primeira assinatura como também, muitas vezes, um compromisso para que os Vereadores votem favoravelmente ao projeto quando ele estiver em ponto de ser votado.

Outro processo é o projeto passar pelas Comissões. Esse projeto passa Comissão de Educação e Cultura, porque ele fala de educação e cultura. Passa também pela Comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participativa e passa também pela Comissão de Finanças e Orçamento. Então, também é importante um trabalho nessas Comissões. A gente tem apoio aqui na Comissão de Educação e Cultura para esse PL; então, costuma ser mais fácil. Mas também é importante que as outras Comissões aprovem. Depois, o PL precisa ser colocado em pauta. Ser colocado em pauta significa que ele, quando já está com todos os processos das comissões passados, pode ir para o plenário para que os Vereadores votem. Quem decide quais projetos são colocados em pauta é a Presidência da Casa, então esse também é outro trabalho para que os Vereadores insistam, para que seus projetos sejam colocados em pauta. É outro trabalho que precisamos fazer aqui, de sensibilização mesmo dos Vereadores da Casa, da Presidência da Casa, para que pautem o PL.

É sempre muito importante que as secretarias envolvidas deem parecer positivo para o projeto antes de ele ser aprovado aqui na Casa. Primeiro, para ter mais disposição dos Vereadores de colocarem para andar, embora não seja absolutamente necessário, e também para que nós não tenhamos todo esse trabalho, daí aprovemos o projeto para que, depois, seja vetado pela Prefeitura.

Por isso, nós insistimos em fazer esse percurso de forma calma, conversando e dialogando com os Vereadores, para que a propositura siga um caminho, ainda que demore um pouco mais, porém que seja efetivo. Ou seja, para que quando ele seja aprovado, consigamos que o Prefeito sancione o projeto e que possamos, inclusive, fazer parte, junto às Secretarias, para a regulamentação do mesmo. Aliás, outro ponto também muito fundamental que é, na prática, como o projeto vai funcionar, como os editais vão ser escritos. Enfim, um caminho igualmente importante.

Acho que essas tarefas que nós temos cumprido, e tem para cumprir, em relação ao projeto que estamos fazendo, mas são fatores para os quais, no nosso entendimento e para o qual temos dialogado na Casa, não temos encontrado muita resistência em relação a esse

projeto. Então é uma tarefa que nós imaginamos que não será tão difícil, se conseguirmos fazer isso em diálogo com a Secretaria Municipal de Cultura e, portanto, possamos obter no tempo certo nosso projeto de lei aprovado. Acredito que era isso um pouco que gostaríamos de ter falado e é tão importante quanto ouvir as pessoas que estão conosco à Mesa. Vamos dar um tempo de 5 minutos para que se acomodem todos.

Jenyffer, o vídeo do Celso não rola ainda? (Pausa)

- Apresentação de vídeo.

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Colocamos no final da fala, então, pois está com algumas interferências, porque é importante também a fala do Celso.

- Ruído na gravação.

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Agora, sim. Vamos começar com a fala dos convidados que estão à Mesa conosco. Foi pedido para mim e eu vou pedir a todos os convidados que façam sua autodescrição para garantirmos a acessibilidade da sessão. Também temos intérpretes de libras na tela, para quem está acompanhando. Peço, encarecidamente, para que cada um mantenha seus cinco minutos de fala, garantindo assim que as pessoas que se inscreveram consigam expor suas opiniões.

Vou convidar a Joice Jane Teixeira para começar.

A SRA. JOICE JANE TEIXEIRA – Bom dia a todos, todas e todes.

Sou Joice Jane Teixeira, sou uma mulher negra, cabelos escuros, estou usando um pano de ori branco, e uma roupa branca. E como uma boa filha de Axé, não começo sem saudar Exu. Então, bora lá.

“Salve a boca que tudo come e devolve ao mundo o sopro de vida; nos dê foco, direcionamento e lucidez para levarmos, adiante, nosso legado de existência, permanência e continuidade. Oni beijado, Oni beijada. Salve as crianças, salve os Erês, salve o espírito dos

ancestrais no tempo presente em forma de criança. Nos permita que as nossas falas soem como tambores, como os tambores dos Ibejis que venceram Ikú, a morte”.

- Apresentação vocal, sob aplausos.

“Papai Ogum mandou todas as crianças brincar, ora brinque Ibeijada com as conchinhas do mar. Papai me manda um balão com todas as crianças que vêm lá do céu. Tem doce, papai, tem doce, mamãe, tem doce lá no jardim”.

É com essa energia ancestral, do dia 27 de setembro, dia dos Ibegês da Cultura Yorubá, de Evum e de Erês na cultura Banto, é com alegria, com comprometimento da manutenção da vida, que inicio as falas sobre os programas de formação cultural da Secretaria Municipal de Cultura, em parceria com a de Educação, PIAPI e PIÁ Vocacional.

Depois de anos de luta do Corpo Docente dos Programas, finalmente protocolamos os substitutivos do PL 461/16. É um projeto de lei que busca salvaguardar, assegurar uma política pública de qualidade, que garanta o direito das infâncias, periféricas ou não, a um percurso formativo, artístico, cultural, trazendo, a partir da brincadeira, da ludicidade e do pertencimento, a responsabilidade de nutrir pessoas para uma sociedade equânime.

Saúdo todas e todos artistas educadores e educadoras que passaram e que ainda estão na gerência desse programa. Saúdo, em especial, o ativismo negro, movimentos e presenças imprescindíveis, pois falo, sem sombra de dúvidas, que muito do que os programas são hoje é fruto desse ativismo. E, portanto, eu saúdo e registro o protagonismo dessas pessoas, sobretudo no que compete às inserções nas Leis Federais 10.639/03 e 11.645/08, que trazem a obrigatoriedade das epistemologias africanas, afro-diaspóricas e originárias, e também a porcentagem das cotas raciais do edital de 2021 dos programas PIÁ e Vocacional, onde tivemos a presença de aproximadamente – se não me falha a memória – 75% de pessoas pretas, pretos e pretes, sem falar da presença – ainda pequena, mas que iremos mudar isso – de povos originários dentro dos programas, uma edição histórica.

Finalizo trazendo a lucidez de que ainda temos muito a caminhar na concretização total do PL, e que temos muito a preservar, guardar e cuidar, sobretudo em tempos de terceirização massiva da nossa política pública.

Enfim, que tenhamos fôlego, direcionamento, para continuarmos a nossa jornada.

Axé para nós! Axé em nós! (Palmas)

O SR. NUNES PEIXEIRO – Pela ordem, Presidente. Gostaria de registrar a presença do Vereador Nunes.

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Axé! Obrigada.

Só fiquei triste porque não jogaram bala para cá.

- Manifestações na plateia.

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Vou registrar a presença do Vereador Toninho Vespoli, que está *on-line*, caso ele queira se inscrever para falar. Também estava a assessoria do Vereador Toninho no começo da audiência, mas não sei se eles ainda estão por aqui. Quando quiserem, também poderão falar.

Eduardo Mafalda.

O SR. EDUARDO MAFALDA – Bom dia a todos, todas e todes.

Eu sou o Eduardo Mafalda, um homem negro, estou calçando um tênis azul e caramelo, vestindo uma calça jeans azul, meias brancas, uma camiseta de gola polo cor de laranja com o desenho de um homem com um taco na cor preta e meu cabelo é crespo, *black power* na cor preta, está trançado nas laterais e solto na parte de cima, formando um penteado moicano.

Eu sou um dos coordenadores artístico-pedagógicos da edição 2023 do Programa Vocacional e eu agradeço muito o convite para estar aqui hoje, porque, na minha trajetória artística de 23 anos como artista, ator, dançarino, cantor, produtor e artista educador na cidade de São Paulo, onde tive acesso a políticas públicas para pesquisa, desenvolvimento, prática, formação e qualificação dos meus conhecimentos e habilidades artísticas, eu encontrei pelo caminho, logo no início da sua implantação na cena cultura da cidade de São Paulo, o Programa

Vocacional e, como um artista vocacionado, eu estruturei as minhas bases artísticas e solidifiquei o profissional que eu sou hoje, enquanto o Vocacional se consolidava como um dos maiores programas de formação artística do mundo e, paralelamente, ampliando o seu campo de atuação para o público infanto-juvenil, por meio do PIÁ – Programa de Iniciação Artística e também, da mesma forma, a visionária e inovadora PIAPI – Programa de Iniciação Artística para a Primeira Infância.

Conforme eu alcei voos maiores como artista, passei a atuar no Programa Vocacional como artista orientador, utilizando não só as minhas ferramentas de trabalho como artista, mas também da minha sensibilidade de quem sabe os anseios e expectativas de ser um artista vocacionado que quer se expressar e comunicar suas ideias artisticamente. A cada oportunidade de poder trabalhar no Programa Vocacional, eu aprendi mais sobre sua estrutura e organização e, munido desses saberes, eu passei a coordenar uma equipe de artistas orientadores, articulando o território Freguesia-Brasilândia, onde há 20 anos eu iniciava como artista vocacionado

Com toda essa bagagem, eu expandi meus conhecimentos, entendimentos e saberes e aprimorei minhas habilidades de forma impactante e imensurável para a minha trajetória, possibilitando que hoje eu esteja na coordenação artística-pedagógica do Programa Vocacional para planejar e organizar a estrutura, funcionamento e alcance desse programa para que, em conjunto com os programas PIÁ e PIAPI, em suas respectivas faixas etárias, atendam milhares de pessoas em todas as regiões desta cidade imensuravelmente grande, para aprenderem, praticarem, se formarem e se profissionalizarem, possibilitando, no futuro, viverem da profissão artista.

Destaco que, se não fossem as políticas públicas como essas, que possibilitam o ensino de arte gratuito, eu não estaria aqui hoje, porque nós artistas presentes sabemos quanto custam os cursos de artes nas instituições privadas. Portanto, é vital que seja aprovado o Projeto de Lei 461/2016, para garantir a toda a população da cidade de São Paulo o acesso à prática e à formação artística desde os primeiros contatos com a arte por meio do PIAPI – Programa de

Iniciação Artística para a Primeira Infância, e as primeiras práticas artísticas por meio do PIÁ – Programa de Iniciação Artística, e o desenvolvimento e a formação artística, seja para pesquisa, experimentação, formação de público ou para qualificação em artes, visando à profissionalização para o mercado artístico e cultural por meio do Programa Vocacional.

Eu sou exemplo disso e uso a minha história sempre como base e exemplo e fui convidado para estar aqui hoje porque, se não fossem as políticas públicas e o acesso gratuito à prática e à formação artística, eu não estaria aqui hoje. Como muitos de vocês hoje, sou fruto de políticas públicas para a educação e para a cultura.

Muito obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Eduardo.

Ingyrd Sena.

A SRA. INGRYD SENA – Bom dia. Eu sou a Ingyrd Sena e tenho a honra e agradeço por ser mãe do Inandê, do Iberê e da Iná.

Como o Mafalda, eu também sou cria dos projetos sociais. Desde os sete anos de idade, estudei minha vida inteira em colégio público e fiz faculdade por meio do ProUni.

Depois das falas anteriores, eu sou vou reforçar algumas coisas, como a importância do PIAPI. Hoje eu atuo como coordenadora artística-pedagógica do PIAPI na Macrosul e eu comecei a perceber como afeta principalmente a descentralização dos programas. Não só produzo como também consumo, sou uma vocacionada no CEU Encantos do Amanhecer, como a professora Eva Dantas, incrível profissional. Inclusive eu acho relevante ressaltar que esse programa só acontece por conta da importância desses artistas educadores que acreditam na formação desde a primeiríssima infância.

Eu gostaria também de ressaltar a importância da intersecção de várias linguagens, algo que não se vê em outros colégios públicos ou somente em colégios privados; portanto, um acesso limitado principalmente para nós de baixa renda, maioria da população. Por isso, quando há a possibilidade de uma política pública proporcionar um programa de formação do zero aos cinco anos, não só para a criança, mas para toda a família – porque atendemos as famílias –,

com continuidade no PIÁ e no Vocacional, percebemos que, sim, a gente tem muita possibilidade de futuro e a gente pode mudar muita coisa ainda e reverberar outras tantas, como aconteceu comigo e com o Mafalda.

É um pouco isso, gente. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Ingrid.

Fernanda.

A SRA. FERNANDA MACHADO – Bom dia.

Sou Fernanda, uma pessoa preta de pele não retinta e hoje eu estou vestindo um vestido azul florido e estou com os cabelos amarrados no alto da cabeça e usando sandália, além de brincos e anéis.

Fui coordenadora do Vocacional no ano passado e atuei como artista e orientadora em algumas edições. Desde que eu me formei na escola de teatro, conheço e convivo com o programa. Acompanhei os primeiros anos de sua existência fazendo estágio nas edições artísticas, que é como nomeamos os encontros no Vocacional, orientando artistas da Cia São Jorge de Variedades, grupo com o qual eu trabalho, que, com frequência, trazia vocacionadas e vocacionados para vivenciarem os ensaios, as oficinas e os processos de formação de suas obras. Hoje, em todas as escolas de teatro e universidades, encontramos pessoas que tiveram suas primeiras vivências na arte dentro do programa, assim como com artistas que orientaram.

Fazer arte nos permite direcionar o olhar para o sensível da vida, mas também é força de trabalho. Onde encontramos a arte na sociedade? Na música que toca no aplicativo, em um bar ou em uma balada, quando cantamos no chuveiro ou quando enviamos música para um *crush*, nas novelas, filmes e séries a que assistimos, na peça de teatro que aconteceu na praça ou em algum CEU da cidade, em um museu que eu visitei em determinado lugar. A arte faz parte da nossa sociedade e é uma área que movimenta todo um mercado de trabalho.

O programa vocacional, hoje, aos 21 anos de existência, é uma realidade na formação artística de São Paulo atendendo todas as regiões da cidade - desde a zona centrais até as consideradas mais periféricas - atuando na formação artística de base. É um programa

que parte das referências que cada pessoa traz de suas memórias, de sua educação individual em diálogo com as referências que cada artista orientadora e cada artista orientador traz proporcionando assim um diálogo construtivo e horizontal.

Assim, nessa formação artística singularidades de cada pessoa são preservadas e a arte se insere a partir do que cada pessoa apresenta. Um caminho diferente de formação onde as pessoas são conduzidas a encontrar a expressão artística própria e não somente absorver os cânones, um fazer artístico que preserva a identidade de cada indivíduo, de cada território, de cada grupo étnico.

Partindo da instauração de processos artísticos, o coletivo escolhe a temática a ser investigada e que vai se desenvolvendo a cada encontro. São processos que lidam com o lugar muito sensível e profundo, um lugar semelhante ao instante em que sorrimos quando uma criança se manifesta de maneira engraçada ou como suspendemos o ar ao ouvir uma música bonita ou quando movimentamos nossos corpos numa dança. A arte lida com esse lugar. Esses processos são de muita sensibilidade, porque lidamos com a expressão de intimidades que encontram na arte maneiras para vir para o mundo.

Atualmente vivemos numa época em que a saúde mental e emocional de adolescentes e adultos estão na zona de extrema vulnerabilidade. Entender esse mundo e nós nele não está sendo uma tarefa fácil e nos vemos cada vez mais tendo crises de ansiedade e tristezas profundas.

O Programa Vocacional trabalha justamente com adolescentes, que são pessoas em formação emocional, e com adultos, que são pessoas emocionalmente mais amadurecidas, mas que também se encontram em zonas instáveis de emoção. A arte também proporciona um espaço para dar vazão para essas angústias e também alegrias. Escrever um conto, uma poesia é uma maneira de elaborar um sentimento, pintar um quadro, rabiscar num papel um desenho, soprar um instrumento são atividades que nos ajudam a lidar com zonas vulneráveis abrindo possibilidade de elaboração e conectando outras pessoas que se identificam com essas mesmas questões.

Também podemos mencionar as zonas de vulnerabilidade sociorracial, que atravessam grande parte da população na cidade. O espaço gerado pela Vocacional também é um espaço de acolhimento, que funciona como suporte para adolescentes fazerem a transição da escola para o mercado de trabalho inserindo, assim, pessoas com acessos escassos de condições básicas de sobrevivência.

Esses processos de criação são delicados e precisam de tempo para existir, assim como a pessoa que está orientando esses processos precisa de tempo para conduzir e estrutura para permanecer.

Hoje, o programa tem duração de oito meses e quando se encerra, na maioria das vezes, temos processos poderosos de criação artística que se perdem no meio do caminho, pois a cada ano abre-se um novo processo seletivo não criando vínculo e nem possibilidade de continuidade.

Depois de 21 anos de existência, hoje, encontramos artistas profissionais trabalhando nas mais diversas áreas que tiveram suas primeiras experiências artísticas no Programa Vocacional, inclusive dentro do próprio programa, sendo uma importante referência na formação artística, hoje, gera também mão de obra para o mercado de trabalho. Mercado esse que frequentemente é invisibilizado, mas que contribui para a economia do país gerando renda para toda uma classe de trabalhadoras e trabalhadores.

Se pensarmos que nos *shows* que assistimos, nos museus que visitamos, no filme que está em cartaz, se pensarmos nessas atividades, podemos compreender que existe uma quantidade gigantesca de profissionais trabalhando.

Por entender que os processos artísticos são necessários na formação de cada pessoa e que esse programa atua na base dessa formação profissional e humana, reivindicamos o PL 461/2016, para que se possa melhorar as condições estruturais de um programa que é referência na formação de artistas de toda uma cidade e de um país.

Obrigada. (Palmas).

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Agora, a Tamiris. Tamiris da Silva Ferreira.

A SRA. TAMIRIS DA SILVA FERREIRA – Licença para chegar. Bom dia.

Eu sou a Tamiris, uma mulher negra, de pele retinta. Estou usando uma blusinha de estampa africana, um turbante mostarda - uma das cores que eu mais gosto -, uma calça preta que vai até depois do joelho e um chinelinho branco. Queria começar com uma música.

- Apresentação musical.

A SRA. TAMIRIS DA SILVA FERREIRA – Essa é uma música que a gente canta em todo início e final dos nossos encontros lá na Biblioteca José Mauro de Vasconcelos, no Parque Edu Chaves, e as crianças adoram e a gente sempre repete.

A minha fala vai partir de um relato de experiência. Então, eu vou me apoiar no texto. Conheci o programa através do vocacional. Meu companheiro trabalhou como artista orientador, em 2017, e em algumas edições subsequentes. Até conhecê-lo, eu não fazia ideia da existência de um programa que proporcionasse estrutura, apoio e o que fosse necessário para que artistas orientadores pudessem trabalhar em equipamentos culturais públicos da cidade de São Paulo, oferecendo bases artísticas para que qualquer cidadão ou cidadã jovem, adultos e melhor idade pudessem aprender e desenvolver a arte de diversas linguagens.

Vê-lo trabalhando com jovens e senhoras em uma relação tão bonita de cuidado e repleta de arte me fez admirar o programa como espectadora, mas eu não conhecia o PIÁ e nem o PIAPI, e nem imaginava que seria possível estar no programa como artista. Achava que era muito grandioso para alguém como eu, que vivi metade da vida trabalhando em comércio. Foram 15 anos trabalhando em loja e uma delas é a Zara e ficou lá atrás.

Até que 2020 chegou e, junto, a pandemia. Minha filha mais velha, como muitas crianças, não tinha mais contato com outras crianças. E o PIÁ surgiu como uma possibilidade de interação, mesmo que virtual, com criança da sua idade. Nesses encontros observei, também como espectadora, o cuidado, a dedicação e a potência que artistas educadoras entregavam na

elaboração de cada encontro e o quanto foi importante para minha filha estar ali socializando e vivenciando aquelas experiências brincantes e artísticas.

Ainda achava que era grandioso demais para mim até que, incentivada pelo meu companheiro, resolvi tentar e eu entrei. Muito feliz e realizada fui conhecendo, agora, de dentro, a potência do que é o PIAPI. Poder levar meu bebê de um ano, o Akim, aos encontros e ele ser tão bem acolhido por todes e experienciar as propostas que eu mesma elaboro com a minha parceira de campo, a Aninha, que deve estar assistindo aí, é muito potente.

Poder criar com autonomia as propostas artísticos pedagógicas; poder trocar com pais, mães e cuidadores; vivenciar cada formação proporcionada pelos coordenadores artístico pedagógicos; elaborar formações com os grupos de AEs para todo grupo; poder ouvir o que os bebês e crianças nos entregam e, a partir disso, criar infinitas possibilidades em coletivo; estar em territórios que nos abraçam, em equipamentos que nos acolhem com tanta esperança, gratidão e carinho; não tem, gente, não tem nada igual.

Minha fala é para dizer que esses programas são muito, muito caros para toda a sociedade. O PIAPI é a menina dos olhos para todo o corpo do programa, é um nenenzinho que nasceu ontem, mas que tem tanto para oferecer para tanta gente. É uma política pública que deve ter o devido cuidado e permanência que merece.

Finalizo agradecendo a todes do Programa de Iniciação Artística para Primeira Infância pela confiança, pelo olhar transgressor e delicado para educação das nossas crianças e pela dedicação e amor de quem está ali representando a SMC, daqueles que coordenam com maestria as nossas ações, e de quem está na linha de frente, sendo atravessado por tantas experiências nos territórios de atuação com crianças e famílias, desde quem acredita na potência dos programas e que deseja zelar por eles.

Eu sou feliz no PIAPI e desejo que todos também tenham essa felicidade. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada.

Agora, Fafi.

A SRA. FAFI PRADO – Bom dia.

E sou a Fafi Prado. Sou uma mulher branca, baixinha, pequena, cabelos curtos, tatuagens. Estou usando óculos de aro transparente, uma blusa branca, uma calça cor de rosa, um relógio e brincos de argola.

Eu sou a Fafi Prado. Para quem já me conhece, sabe que eu sou veterana do PIÁ. Hoje em dia eu estou aqui como sociedade civil. Estou representando um pouco dessa memória, também, do projeto de lei, porque eu fiz parte da comissão que começa a escrever esse projeto lá, em 2016. E já se vão sete anos.

E eu preparei algumas coisas também. Fiz umas notas aqui. Mas quando eu cheguei e vi o cartaz dos piazzinhos, escrito: “Protejam o programa. Protejam o PIÁ”, aí eu me lembrei do que eu vim fazer aqui. Eu me lembrei de todos esses anos também de luta e de diálogo, que têm significado para nós e para muita gente, para muitas crianças, para muitos artistas e educadores na cidade de São Paulo.

Então, eu queria trazer um pouco dessa memória brevemente, mas também dizer que esse programa é um tesouro na cidade. Ele é para todos e reverbera por muito tempo. Quem já falou aqui deu um bom panorama do que são os programas. Então, eu queria contar um pouco da memória.

Nós, lá em 2016, nos reunimos para pensar que era de fundamental importância que essa política se afirmasse e permanecesse, porque ela também é uma política de formação desses artistas e educadores na cidade. Então, eu queria destacar isso, porque nós, ao escrevermos esse projeto... Acho que ele teve, pelo menos, umas dez versões, pelo menos, entre idas e vindas, entre muita discussão, entre muita... Foi um processo que exigiu muita escuta. Nós precisamos escutar demais as transformações. Então, ele é um projeto que foi sendo refeito e redesenhado em tempo real, conforme as necessidades, conforme as mudanças nos editais. E, como a Joice muito bem colocou no início, conforme nós precisamos nos alinhar com a escuta dos movimentos que estavam falando dentro dos programas, da urgência de se olhar para a racialização do programa, para as questões de gênero, para as questões do contra colonialismo, daquilo que nós não suportamos mais e não queremos mais nos ver reféns e para

que essas políticas avancem e para que as nossas formações tenham mais sentido, elas façam mais sentido na atualidade. Que elas acompanhem também as políticas macro, que nós temos vivido e acompanhado.

Então, esse projeto, como eu falei, já está aí... É uma emoção estar aqui hoje, vendo que ele está caminhando, porque ele já tem sete anos de muitas batalhas mesmo. Ele precisou de muita coragem para ser escrito e de muita autocrítica, porque sete anos não são sete dias. Nós não estamos prontos. Nunca ninguém está pronto, mas eu acho que também a dimensão dele é ser um lugar onde nós entramos de um jeito e saímos de outro. Hoje eu estou aqui como sociedade civil, mas você sai do PIÁ, mas o PIÁ não sai de você. Você carrega o PIÁ. Então, foi a minha pós-graduação, o meu doutorado, o meu tudo, porque nós precisamos nos entender também como – e agora eu vou falar do recorte social – um grupo racial de pessoas brancas que precisou se responsabilizar sobre aquilo que estava fazendo dentro de uma política pública. Então, se hoje nós estamos aqui também é porque nós avançamos nesse sentido. Queria destacar isso como uma importância fundamental, senão ele não existiria como ele é hoje. Ele escureceu. Ele traz para dentro do seu texto as cotas, as vagas afirmativas. Ele traz discussões infinitas do porquê, da importância. E, com isso, nós fomos nos entendendo. Nós tivemos de buscar conhecimento. Nós produzimos seminários. O programa não é só um encontro com crianças para brincar. Brincar não é só brincar. Brincar é tudo. Eu acho que a fala também das crianças no vídeo mostra muito isso. Eles á estão dizendo: “A gente quer virar lei”. Então, essa lei é deles, delas, de todas as crianças, das famílias, das infâncias, das periferias. É um programa de território. Então, nós nos formamos também como artista educador dentro desse programa no entendimento à cidade, o que é o direito às brincadeiras, à infância, à arte, à cultura, mas principalmente também acho que muito à cidade. De quem é a cidade, quem ocupa e como ocupa esses espaços. Então, não é à toa que as crianças falam do programa com esse amor, com esse pertencimento e eu acho que isso é acender sóis. Então, o que nós vimos aqui e o que nós viemos fazer também foi vermos esse sol brilhando e continuarmos lutando para que ele continue resplandecendo.

Eu queria agradecer muito a quem veio antes de mim e a todos que, de alguma forma, eu estou representando hoje. Que continuemos, de alguma forma, reverberando, unidos em uma coisa que nós temos “coracionado” mesmo. É impossível não “coracionar” esse programa, não pensar com o coração.

E lembrar a todos de que essa força, esse direito também são emoção. Esse direito a olhar para as infâncias nessa dimensão da emoção é um direito de todos nós, como artistas educadores, para essas famílias de ressignificar o que é escola, o que é compartilhar da educação com o PIAPI, com o próprio PIÁ, o vocacional também, essa coisa geracional que é muito linda, muito bacana. Enfim, é um sol para cada um.

Então, eu queria agradecer muito e dizer que eu estou muito feliz hoje e vou ficar mais feliz ainda no dia em que esse projeto for aprovado finalmente.

Axé. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Fafi.

José Carlos Suci Jr.

O SR. JOSÉ CARLOS SUCI JR. – Olá, gente.

Eu peço desculpas porque eu estou de férias hoje. É o meu primeiro dia de férias, mas eu não ia deixar de participar desta conversa, desta audiência.

Eu sou um menino de cabelo loiro escuro, uso óculos de armação azul. Estou dentro do meu quarto, com uma camiseta vermelha com listras brancas. Um menino branco.

Sobre a importância de programas como esse e a importância da arte e educação, da experimentação artística para os bebês, para as crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos todo mundo não tem como questionar. Eu acho que isso é indiscutível.

Eu sou professor de Arte da rede municipal de educação, em São Paulo, e hoje estou como Diretor da Divisão de Cultura dentro da Secretaria Municipal de Educação. Nós temos uma equipe de professores, dentro da SME, que lida com as pautas da cultura, da arte, da arte e educação, das plurais culturas dos territórios da Cidade, sobretudo nos CEUs. Temos 58 CEUs na cidade de São Paulo, estrategicamente localizados em bairros de alta vulnerabilidade social

em que fazemos essa ponte entre o currículo da Cidade, entre as secretarias municipais em seus diversos programas e, em nosso caso específico, a Secretaria Municipal de Cultura, por motivos óbvios.

Então, vou falar aqui não somente como arte-educador, mas como um gestor público pensando na importância de estabelecer leis que garantam a continuidade dos programas de arte, de cultura em nossa cidade.

Uma coisa que já foi comentada aqui é que as descontinuidades de algumas ações, de algumas políticas causam, de fato, uma insegurança, causam impactos negativos e isso nós sabemos muito bem, inclusive na realidade escolar, enquanto professor falando. E acho que é de fundamental importância garantirmos que isso permaneça. Acho que a luta de quem trabalha com política pública é justamente garantir a continuidade, justamente combater qualquer tipo de ameaça de desmanche, de cancelamentos, enfim.

Então, acredito, enquanto Secretaria de Educação, três programas como esses têm dado um impacto muitíssimo positivo nas nossas comunidades dos CEUs principalmente, que é onde os programas ocorrem, temos uma parceria muito significativa, educação e cultura, que vem se estreitando cada vez mais. E aí já quero me desculpar, não cumprimentei ninguém antes, quero cumprimentar todos os parlamentares presentes, em respeito, claro, a presença em um debate muito importante. Também quero cumprimentar os artistas, os educadores, os coordenadores, toda a equipe da Secretaria Municipal de Cultura, que estão com a gente da educação, porque cultura também é educação, não tem como separar uma coisa da outra, nessa defesa dos programas. E que esse PL seja de fato, que vá adiante, porque precisamos muito disso constituído na rede de modo bem garantido.

E é isso. É um prazer falar com vocês. Estamos acompanhando e seguimos. Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada.

Agora, a Lígia, que também vai falar, representar a Secretaria Municipal de Cultura.

A SRA. LÍGIA JALANTONIO – Bom dia.

Eu sou a Lígia, sou uma mulher branca de pele mais morena, tenho o cabelo castanho escuro, curto, estou usando uma blusa bege. Em nome da Secretária Aline Torres, quero saudar a Vereadora Elaine e os Vereadores que estão acompanhando *on-line*...

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Se me permite, esqueci de anunciar a presença da assessoria de gabinete do Vereador Coronel Salles, que também faz parte da Comissão de Educação, Cultura e Esportes.

A SRA. LÍGIA JALANTONIO – Nas pessoas da Sônia, Arielle e Elisa, que estão presentes, coordenadoras dos programas, quero saudar os servidores da Secretaria de Cultura; em nome do Suci, quero saudar os servidores da Secretaria de Educação e em nome de todos, os mais de 450 artistas, educadores, que foram contratados só este ano para os programas PIÁ, PIAPI e Vocacional, na presença de vocês que estão olhando aqui para mim.

Hoje é um dia muito importante para os programas, porque a Supervisão de Formação, área responsável pelo PIÁ, PIAPI e Vocacional, e além disso, a EMIA, Rede Daora e Programa Jovem Monitor Cultural que, em minha opinião, é um dos programas mais transformadores da cidade. Eu desconheço, no mundo, um conjunto de ações de políticas públicas que vão olhar para a formação cultural de um município, de um país, da maneira que esse conjunto de ações olha. Temos desde o PIAPI, Programa de Iniciação Artística para Primeira Infância, olhando para crianças de zero a seis anos, zero a cinco anos e suas famílias, até o Vocacional, que atende adultos e adolescentes a partir de 14 anos, mas temos muitos idosos que também acompanham o nosso programa. Eu desconheço, no mundo, um conjunto de ações nesse sentido.

E para garantir a continuidade das ações, como todos trouxeram, o Suci trouxe também, precisamos regulamentar através de uma lei. Sabemos que a cultura sempre está em risco. A cultura e a educação são as bases mais frágeis da nossa sociedade e passamos por isso recentemente, quando temos a cultura e a educação permeando a vida das pessoas, a vida das pessoas muda radicalmente. Então, temos essa parceria com a Secretaria da Educação, e este ano tivemos um aumento significativo no orçamento. Tive uma aula recentemente de

orçamento público e me chamou muito a atenção uma fala do professor de que os governos defendem pautas, mas só vamos saber se realmente essas pautas estão sendo defendidas se elas aparecem no orçamento.

Então, do ano passado para cá, da última edição para cá, mais do que dobramos o investimento no PIÁ, PIAPI e Vocacional. De um orçamento que estava perto de 7 milhões, em 2022, fomos para quase 18 milhões, e isso com a parceria da Secretaria da Educação, que também abriu as portas para o PIAPI este ano. Antes tínhamos só a parceria do PIÁ e do Voca, e a Secretaria de Educação abriu as portas para o PIAPI, que é o meu programa de coração, vocês sabem disso, gosto de todos os programas, da EMIA, do Rede Daora, PJMC, mas o PIAPI vem de um trabalho meu de ativismo pela primeira infância. Antes de entrar na Secretaria, então quando eu chego na Secretaria com o privilégio e a responsabilidade de implementar um programa para a primeira infância, a minha luta por esse programa se potencializa e aí realmente vamos atrás de todas as outras secretarias para apoiarem não só o PIAPI, mas também o PIÁ e o Vocacional. Então, conseguimos estreitar as relações com a Secretaria de Educação, Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria da Pessoa com Deficiência, que tem sido uma grande parceira nos nossos programas, porque temos que entender a cidade e o atendimento ao munícipe, que é o nosso maior objetivo, de maneira integral.

Sempre falo que a criança que passa na UBS é a mesma criança que está na escola pública, que está sendo atendida pela assistência social e que está dentro dos nossos programas. Então, essa articulação entre as secretarias, que também as coordenadoras dos programas têm lutado muito para acontecer, é de fundamental importância até para a aprovação desse PL. Então, estamos cuidando da cidade de maneira integral. A Secretaria Aline sempre brinca comigo porque eu sou a pessoa da primeira infância, aonde vou, vou falar sobre a primeira infância. Isso foi o que me trouxe para a Secretaria de Cultura.

E depois, eu fui conhecendo os outros programas e vendo a importância desse trajeto, desse percurso que a criança tem logo que nasce, vai passar pelo PIAPI, depois ela pode ir para o PIÁ ou para a EMIA. Quero destacar também que inauguramos recentemente a EMIA

do Itaim Paulista, um território que até então não tinha EMIA. Em dois dias tivemos mais de 400 inscrições para as crianças acessarem a EMIA. E considero que o impacto disso foi construído pelo PIÁ no território, porque enquanto não temos uma EMIA no território, temos o PIÁ e o PIAPI fazendo esse trabalho, que é muito capilarizado. Chegamos em lugares onde outras políticas públicas não chegam. Então, é muito importante que mantenhamos PIÁ, PIAPI e Vocacional como prioridade na Supervisão de Formação e na cidade de São Paulo.

Muito obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Agora, vamos ouvir as pessoas que se inscreveram. O tempo para as falas é de três minutos. Vou intercalar entre as pessoas que se inscreveram *on-line* e as pessoas presentes.

Vou começar com a Neiliane Silva Araújo, que se inscreveu *on-line*. (Pausa) Ausente. Tatiane Ferreira Damasceno. Só para organizar, vou anunciando as próximas pessoas. A próxima da lista *on-line*, Paula Bordon, e da lista presencial, João Alves.

A SRA. TATIANE FERREIRA DAMASCENO – Bom dia.

Sou Tatiane Damasceno, sou uma mulher preta, estou com afro puff e uma camiseta branca da Unidade Classista, uma calça jeans e um tênis preto, tenho 35 anos e há 20 anos, com 15 anos, eu estava acessando uma das primeiras turmas do Vocacional de Teatro, no meu bairro, Pirituba, em 2003.

Hoje, estou como coordenadora de equipe da Micro Pirituba-Perus. Ainda sou moradora de Pirituba, gosto muito dessa possibilidade de atuar e trabalhar pelo programa no meu território. Um território de muita luta, da Noroeste de São Paulo. Estou no Programa PIÁ desde 2019, atuei como artista educadora. Passei também pelo PIAPI, em sua edição piloto, gosto muito também do programa. Essa tríade PIÁ, PIAPI e Vocacional, tendo sido vocacionanda do Vocacional também anos atrás.

Componho a fração sindical Unidade Classicista e a célula noroeste do PCB; faço parte dos coletivos TAPA e JAZZ de teatro e *RevolufLOW* de rap; estou graduanda do Curso de Pedagogia da Unifesp e faço parte do GT de Identidades étnico raciais também, do PIÁ; tendo

feito parte também do Núcleo de Culturas Negras e Periféricas, junto à Joice, Fafi e tantas outras pessoas importantes de serem lembradas nos programas por terem sido sujeitas de luta dentro dessa nossa reivindicação pelo PL.

Eu contei tudo isso para intensificar e ratificar a importância do programa. E eu só estou envolvida em todas essas atuações políticas, institucionais, educacionais, porque eu participei do Vocacional há 20 anos. Então, não há como mensurar como esse programa me afetou, na figura do Pedro Felício, artista orientador da época que atendeu o nosso grupo e, que nos atendeu, inclusive, quando o programa foi adiado, cancelado, e ele ia aos encontros sem receber porque eram mais de 50 jovens ansiando pelo Vocacional, que precisavam de orientação.

Isso tudo me atravessou e sou essa pessoa hoje por conta desse programa. Portanto, é importante contarmos as nossas histórias, resgatando o que fomos ontem, o que o programa foi ontem e o que ele pode ser amanhã.

Obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada. Tem a palavra a Sra. Paula Bordon, *on-line*. Não está?

Tem a palavra o Sr. João Alves.

O SR. JOÃO ALVES – Eu sou um homem pardo, miscigenado entre indígenas e pretos. Eu uso uma barba, tenho óculos escuro, estou de boné e uso uma camisa azul com estampa de Deus e o diabo na terra do sol e uma camisa jeans por cima.

Eu costumo dizer que os programas de formação cultural da cidade de São Paulo colocam a arte e a cultura na cesta básica. Essa possibilidade de atender pessoas de zero a cinco anos, ou aqueles de 105 que não precisam ir acompanhados dos pais, é incrível. E só a gente que veio da periferia, que cresceu nesse contexto, sabe como estar aqui hoje transforma as nossas vidas, na nossa história, na nossa realidade.

O meu contexto começa em Botucatu, no interior de São Paulo, mas também é fruto de políticas públicas, análogas a essa, mas em menor escala e que, mesmo assim, me

transformaram profundamente e fizeram com que o neto de dois analfabetos, retirantes do norte de Minas, filho de uma empregada doméstica, mãe solteira, pudesse prestar vestibular em uma das maiores universidades públicas do Estado de São Paulo e pudesse se formar enquanto ator e diretor de teatro e educador. Isso parte das políticas públicas.

Essa possibilidade de troca entre artistas que já estão trabalhando com arte e artistas que estão começando, ou crianças que estão tendo os seus primeiros contatos com a arte, essa possibilidade de saber que existem pessoas que vivem de ensinar, transmitir e trocar com outras pessoas é inigualável.

A gente tem visto também nesses programas a possibilidade de acessibilidade, a possibilidade de existência de pessoas que eram jogadas à margem da sociedade, que a gente muito bem sabe como são tratadas as pessoas portadoras de deficiência no nosso meio.

Além disso, é importante saber que a gente está dando mais um passo de fortalecimento de políticas públicas para esta cidade. A gente já tem um programa de produção, que é a lei de fomento, os diversos fomentos que precisam ser ampliados; agora a gente está dando esse segundo passo, que é dos programas de formação, porque a iniciação artística e a formação artística são imprescindíveis para alimentar a produção. Quantas pessoas não passaram pelos programas de formação e hoje estão em grupos que são fomentados?

E a gente precisa garantir a terceira possibilidade, que é um passo seguinte: a possibilidade de formação de público, de levar as pessoas até a arte. Eu só fui fazer o que fiz e tive contato com a arte porque, um dia, me pegaram pela mão e me levaram até um teatro, até uma exposição, me colocaram um livro na mão ou à minha frente e eu tive a curiosidade de abri-lo. Então, a gente é o meio para esse próximo passo.

Essas três coisas juntas: a produção, a formação, seja a iniciação artística, ou da formação de público, fortalecem umas às outras.

Ano passado, nesse programa, a gente teve a sorte de conversar com Ailton Krenak, que falou que os programas de formação na cidade de São Paulo formam uma constelação no chão desta cidade. Todos nós sabemos que os nossos ancestrais indígenas se eternizam

quando eles viram estrelas. Portanto, nós estamos eternizando a arte e cultura na cidade de São Paulo ao possibilitar ser estrela nesse chão e nessa terra.

Obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada.

Eu vou ler todos os nomes que se inscreveram de forma *on-line* para saber se estão aqui ainda. Sr. Adelmo Vitoryo; Jéssica Cristine dos Santos Nogueira; Lucia Moreira Machado e Kristhian da Silva. A Lucia está presente. Vou passar a palavra para a Lucia e depois a gente passa para todas as falas presenciais.

A SRA. LUCIA MOREIRA MACHADO – Olá, gente. Vou me autodescrever. Eu sou uma mulher branca, de cabelo curto encaracolado, estou vestindo uma camiseta regata preta e uma saia verde-escuro.

Eu comecei a fazer teatro com 12 anos através do Programa Vocacional. Sou moradora de Perus, extremo da cidade, desde sempre.

Toda a minha formação vem dessa base, mas eu não estou aqui para falar o quanto o programa afetou e transformou a minha vida para além da minha formação como artista. Isso já está posto nesta Mesa e nesta plateia. Provavelmente também já está posto nesta cidade. Já é nítido o retorno que essa política pública deu ao longo dos mais de 20 anos de existência do Programa Vocacional.

Minha fala é para lembrar que este PL existe desde 2016 e hoje é a sua primeira audiência formal. E gostaria de lembrar esta Casa e os Vereadores que estão aqui trabalhando que, depois de sete anos correndo este PL, cabe a vocês transformarem esses programas em lei antes do término dos seus mandatos no ano que vem; porque nós, artistas orientadores, artistas brincantes, artistas periféricos, já estamos fazendo isso na cena cultural, já estamos descentralizando a arte na periferia, e não apenas em São Paulo, mas sendo referência na América Latina; gerando demanda para criações do PIÁ, do PIAPI e também do VAI 2 e do fomento à periferia.

A política pública já está aqui, estamos com ela no corpo, na vivência. Basta esta Casa abrir a agenda para votar.

Vamos aprovar a Lei 461, de 2016. Bora! (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Tem a palavra a Sra. Bia Rangel.

A SRA. BIA RANGEL – Oi. Bom dia a todas, todos e todes.

Eu sou a Bia Rangel. Eu vou me autodescrever. Eu sou uma mulher branca, de estatura baixa, eu tenho franja, cabelo liso, rosto oval, boca pequena, estou vestindo uma regata preta com um colar, e uma calça mostarda.

Eu quero agradecer muito por esta audiência pública, principalmente à Vereadora Elaine e a todo o mandato do Quilombo Periférico por terem proposto isso dentro da Comissão de Educação, Cultura e Esportes. Para nós, como já foi falado aqui, é um momento ímpar, muito importante. E depois da fala da Lúcia, queremos, sim, a adesão de outros Vereadores e Vereadoras desta Casa, assim como do Poder Público, do Executivo, da Secretaria Municipal de Cultura, da Secretaria Municipal de Educação, que estão juntos nessa proposta. Precisamos disso, Ligia. Contamos com você.

Então, eu, atualmente, estou artista educadora no PIÁ – Programa de Iniciativa Artística – na região do Butantã. Eu estou trabalhando no CEU Butantã, no CCA dos Pássaros e na Favela São Remo, que fica junto à USP. É um território no qual acabamos de chegar, e tem sido muito incrível poder começar esses laços do programa ali dentro dessa comunidade.

E algumas famílias e cuidadores vêm para os AEEs com as mesmas questões.

Ano passado eu estive no PIAPI também. Então, eu também tenho uma experiência com a primeira infância; e com essas famílias e cuidadores que chegam para os AEEs com algumas questões e perguntas.

Uma dessas perguntas é: “Vai ter PIÁ?”, “Vai ter programa de iniciação artística para a primeira infância?”, “Vai ter o vocacional no ano que vem?” É uma interrogação que acaba passando para nós também.

“Por que o PIÁ, o PIAPI e o vocacional não começam junto com o calendário escolar, em fevereiro, ou em março, no máximo??” Eles falam isso em torno de reclamação. “Tem lanche nos encontros”? “A minha criança pode participar duas, três vezes na semana?”, porque as famílias aderem e começam a pedir mais. Para os artistas educadores: “Vocês estarão aqui no ano que vem? Queria muito que estivessem”.

Eu não sei se todos sabem, os Vereadores desta Casa, que este ano nós estamos trabalhando cerca de oito meses, e, depois, o nosso contrato se encerra. Somos prestadores de serviço e não sabemos se no ano que vem continuaremos. Mas essa é uma demanda que vem também das famílias beneficiadas.

Algumas dessas perguntas, mas não todas, essa lei dos programas que o PL 461/2016 vem responder; além de outras.

A continuidade dos programas que são aqui tratados é uma reivindicação dos trabalhadores e das trabalhadoras desses programas há muitos e muitos anos. Como essa Mesa aqui: Fafi, Joice, Drica todos os outros que não estão aqui no momento – Luis Anastácio e vários outros – já vêm fortalecendo. E também é das famílias das crianças, adolescentes e adultos que participam.

O Voca tem 22 anos de existência e o PIÁ tem 15 anos de existência; e o PIAPI está com dois anos para três, que veio de uma necessidade de atender também a primeira infância, como foi falado aqui, discutido e reivindicado pelos artistas e educadores do Programa PIÁ, que já vem falando disso há muito tempo. Mas nós queremos não qualquer continuidade, mas a continuidade sem desmontes, uma continuidade que não fique vulnerável às vontades partidárias, eleitorais, dos governos que entram e saem e vão embora. Então, esse substitutivo do PL que revisamos e atualizamos este ano traz esse espírito dos três programas e a garantia de estrutura e funcionamento, trazendo pontos fundamentais.

Como foi falado, é uma revisão o que nós propondo; que queremos a apreciação aqui da Casa.

Um dos pontos é a contratação de artistas educadores por dois anos, garantindo uma permanência pelo menos de um ano para o outro. E isso devido ao que eu falei: oito meses, a gente vê que às vezes é pouco para um processo artístico-pedagógico continuar.

A inclusão do PIAPI, que não estava no projeto de lei original e cuja necessidade de inclusão foi bastante discutida e demandada por todos.

As ações afirmativas de reparação étnico-racial, que já estavam mencionadas em 2016; mas teve uma atualização da porcentagem, porque tem a ver com os princípios dos programas, a descentralização, a presença desses programas nos territórios da cidade; cidadania cultural; pertencimento, tanto dos artistas educadores quanto das crianças, adolescentes e adultos beneficiados. E presença nos locais onde eles vivem.

O PL também trata da gestão dos programas na Secretária Municipal de Cultura – que é importante esse olhar e a abordagem da cultura na concertação desses programas; e em parceria com a SME, que todo mundo sabe que é uma parceria que precisa se estruturar melhor e ter continuidade. E também prever um conselho, que já estava no projeto original; mas um conselho dos três programas juntos, com a representação desses três programas das Secretarias envolvidas e os segmentos da população. Isso já estava no PL de 2016. E devo dizer que tivemos um ensaio, um piloto, este ano, que foi o Grupo de Trabalho Interprogramas sobre esse PL. Nós já estamos fazendo isso na prática, já estamos nos articulando para atuar conjuntamente. Esse ano foi um processo educativo intenso para os três programas e de mobilização e atuação conjuntas. E o principal tema foi o PL.

Então, estamos amplificando essa voz, que é uma voz coletiva, na Câmara, para levar para as Vereadoras e Vereadores, pedindo apoio, e que apoiem. Estamos aqui também para discutir e fazer outras audiências para fazer outras discussões, para levar para levar para os gabinetes. E vamos embora junto. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Gente, eu vou pedir novamente para nós nos atentarmos ao tempo – são três minutos de fala. E também vamos escrever as inscrições presenciais na próxima fala.

Tem a palavra o Sr. Antonio Herci Ferreira Júnior.

O SR. ANTONIO HERCI FERREIRA JÚNIOR – Olá. Bom dia a todos, a todas e a todes.

Bom, queria primeiramente agradecer à Vereadora, aos parlamentares, aos gestores, aos nossos queridíssimos coordenadores e supervisores por esse momento, que é um momento importantíssimo.

Eu sou um homem branco, tenho barbas e cabelo grisalhos. A minha barba é longa, o meu cabelo começando a ficar longo. Uso óculos e estou com uma camiseta avermelhada, calça *jeans* e tênis vermelho.

Eu acho que essa fala que me antecedeu resume muito do que eu ia trazer. Eu só queria complementar: realmente essas perguntas acontecem.

Eu sou do Programa Vocacional, artista orientador desde 2016. Já estive nas áreas de comunicação, acessibilidade. E este ano eu estou como orientador de música no CEU Três Lagos.

Além disso, eu sou do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência. Sou uma pessoa com deficiência visual.

Eu acho interessante começar por estas perguntas: no ano que vem tem programa? Quem será? Você estará aqui? Nós estaremos aqui? Vai ter uma sala para a gente orientar nesse espaço, porque neste CEU maravilhoso e enorme, às vezes, a gente não tem espaço. O gestor do ano passado que mudou para este ano vai cumprir um cronograma de continuidade? São questões que a gente sempre sente estando na ponta.

No vocacional este ano, temos um GT de Acessibilidades. Eu queria acrescentar outra pergunta: esse GT estipulou e fez para o programa inteiro que é quem pode nos assistir? É uma pergunta prática. Quando eu faço uma orientação, quando eu faço uma sala, uma audiência pública, uma aula, quem pode nos assistir? Essa mesma aula seria para uma pessoa cega? Se tiver um degrau no meio do caminho, essa aula será assistida por uma pessoa

cadeirante? Se tivermos uma pessoa surda, como vai ser a minha orientação de música, tendo surdos? E é possível e fantástico teoria musical com pessoas surdas.

Então, porque eu acho fundamental e histórico? Porque o programa vocacional é um programa que existe, de fato, a gente fez com que ele acontecesse desde a arte contra a barbárie até hoje por vinte e dois anos. Então, ele existe em São Paulo. Só que ele tem esses percalços de continuidade e, principalmente, de perenidade desses valores que a gente foi colocando na sociedade como arte e educação, valores nossos que a gente transmite para toda essa sociedade.

Um programa como esse não pode ser regido por editais, porque eles não garantem a continuidade, por exemplo, da grande luta interna do programa que foi a questão étnico racial. Ele não garante um crescimento constante e contínuo da questão da acessibilidade, por quê? Porque todo ano você tem que juntar e reescrever o edital. Esse edital não está regulamentado em lei. Ele não tem uma fiscalização para que seja contratado e, principalmente, porque ele não nos fornece uma perspectiva de continuidade para a política pública, porque nós temos dois lados: nós somos artistas contratados; temos todos esses problemas que a Lúcia a Bia falaram, oito meses é muito pouco para fazermos um trabalho; precisamos de mais tempo. Eu tenho uma estrutura, uma sala, o material, o programa é acessível para mim, para orientadores com deficiência. Essa é a parte interna. Agora, e a parte pública? Esse programa reflete essa luta nossa, funcional de contratação no atendimento público da cidade? Esse programa, majoritariamente, atende pessoas pretas? Esse programa atende, sem distinção, questões de acessibilidade nas orientações?

A lei não resolve essas coisas. A gente está cansado de saber. Tivemos, recentemente, a segunda passeata de luta pela LBI, Lei Brasileira de Inclusão, desde 2015, porque não está regulamentada. Ela está na lei, mas não está na vida cotidiana.

Então, eu acho que é um grande momento para avançar com esse PL. Avançando com esse PL, nós todos, artistas e sociedade, lutarmos para além do PL. Ou seja, aprovação da lei e implementação dessa lei para que ela aconteça, de fato, no dia a dia.

Então, por exemplo, uma questão que foi colocada hoje: artistas contratados do programa têm um momento, um coletivo, uma área específica para discutir acessibilidade do ponto de vista artístico pedagógico? Artistas de todos os programas têm uma rede interna que possa ser uma rede de apoio e encaminhamento para questões que envolvam todas essas afirmações sociais? É importante que façam parte estrutural do programa dentro das contratações artístico-pedagógicas áreas específicas que possam fomentar essa discussão interna e, efetivamente, tornar presente os valores que a gente vem defendendo?

São perguntas que eu lanço.

Assim como foi dito da transformação do PL por todo e por longos anos, eu me lembro que o vocacional também se transformou ao longo dos anos. Quem é mais antigo vê que ele tem. E o próprio PL vai ter, também, nessa interação a oportunidade de retransformação na discussão por se tornar lei.

Eu trago aqui essa fala mais voltada para pessoas com deficiência porque sou do Conselho. É meu papel, também, trazer essas questões como prioridades, as quais estão sendo encaradas no programa, mas generalizo para todas essas afirmações. Lembrando quem disse, acho que foi a Lívia: a mesma criança, o mesmo jovem, o mesmo adulto – a minha orientação tem desde jovens de 14 até senhoras de 68 anos numa mesma sala.

Então, é isso.

Obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Agora, é o Michel Galiotto.

Gente, vou reforçar que são três minutos de fala, por favor. Para a gente conseguir garantir que todas as pessoas falem. Quero avisar, não sei se viram, que tem um temporizador contando. Não sei se está aparecendo. Na tela, mostra o tempo que cada um está falando.

O SR. MICHEL GALIOTTO – Bom dia.

Meu nome é Michel Galiotto. Vou me autodescrever: sou um homem branco, um metro e setenta, cabelo preto curto, um puxadinho de pelo no lábio inferior, magro, nariz

comprido, sobancelhas grossas. Estou com uma camisa havaiana, um crachá para entrar na Câmara, calça dessa cor que deve ser mostarda e um sapatinho, sapatênis para parecer mais conservador. (Risos)

Eu quero falar de três momentos do vocacional. O primeiro momento em que eu tive contato, eu trabalhava como coordenador de projetos do CEU Inácio Monteiro. Então, eu era um gestor de equipamento que recebia o programa, quando o pessoal do vocacional veio explicar pedagogias, processo, o *Mestre Ignorante* e tal.

Eu como coordenador de equipamento, não entendia nada. Ficava boiando. Comecei a visitar as orientações, também, para não parecer um intruso nas orientações, me oferecia e ia de boa. Vi o potencial desse programa, porque são tantas linguagens artísticas diferentes... comecei a ajudar muito o programa – porque o CEU cria algumas dificuldades para o programa – eu consegui ser um grande parceiro porque é um programa diferente que não tem aquele rigor, aquela coisa engessada da educação formal. É uma coisa mais artística e que transforma muitas vidas. As pessoas se encontram. Se entendem como seres humanos nessas orientações.

Um minuto e quarenta e quatro. Vamos lá.

Então, foi esse primeiro momento no CEU. E vi a vida de pessoas na Cidade Tiradentes se transformando. Teve gente que mudou para outros estados para fazer arte. Teve gente que virou artista muito fera e gente que só a arte não mudou o rumo profissional, mas a ajudou enquanto ser humano a se compreender.

O segundo momento é – gostei tanto do programa que, quando eu saí do CEU, fui trabalhar no programa.

Então, eu trabalhei como articulador territorial justamente da Cidade Tiradentes e eu já estou no meu sexto ano, e isso também possibilitou a mim, que sou de Ferraz de Vasconcelos, que é um município que não tem políticas públicas, pela primeira vez falar assim: poxa, eu também posso pensar em viver de arte. Então também foi essa mola na minha vida, primeiro para abrir os olhos e, depois, para: eu posso pensar em trabalhar como artista. Esse foi o

segundo momento. E o terceiro momento é que aí eu virei vocacionado. Eu sou artista do teatro, mas com tantas linguagens, falei assim: eu preciso aprender música.

No primeiro ano tinha um cara chamado Gregory Sliver, um cara incrível da música e eu podia ter orientação com esse cara. Meu, incrível. E a gente, no programa, vai se descobrindo e vai se percebendo. E, no segundo ano, eu fiz música também com Sebastião Bazotti. Incrível, um amor. E o que aconteceu? Eu consegui compreender que eu não levo o menor jeito para música. (Risos)

E, hoje, eu estou aqui. E, para terminar – já passou o tempo –, eu queria dar um salve para o Quilombo Periférico e para as demais Bancadas que estão ajudando a gente. (Palmas) Um grande salve para o GT – Trabalhista, para os três programas. Um grande beijo para a equipe São Mateus, do Vocacional. (Palmas) E um abraço bem apertado para a La Raida e Diane, que pediram e eu atendi.

Obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Michel. O Michel eu conheci lá na Cidade Tiradentes. Era um ótimo gestor do CEU, ajudou muito o movimento cultural.

Agora, Marilha Xavier Paz.

A SRA. MARILHA XAVIER PAZ – Olá. Bom dia. Eu me chamo Maríilha Xavier, me considero uma pessoa negra, as pessoas falam que não, mas eu me considero negra. Tenho cabelo preto, estou usando uma blusa branca e uma calça jeans.

Eu estou aqui representando o Espaço Cultural Jardim Damasceno. Eu não conhecia muito o PIÁ, conheci a partir de lá. Estou representando o Espaço e a mãe das crianças que atendem lá: Rose e Julie. Elas mandaram eu vir aqui, falaram que querem que o PIÁ continue e a gente está descobrindo muitas coisas bacanas. Elas ensinam muita coisa mesmo para a criançada e são duas turmas. A gente está na luta e quer que continue mesmo, porque a criançada ama. As brincadeiras lembram muito a cultura anterior. E são todos os tipos de

brincadeiras. As mães estão lá eufóricas: Gente, vão lá. Não pode vir muita gente, porque trabalham, mas pediram para representá-las.

E é isso. A gente quer que o PIÁ continue. E já falamos do encerramento, que vai ser em novembro. Eles falaram que não querem ir para o encerramento, querem ir para a festa, mas não querem o encerramento. Querem que continue.

É isso. Vamos lutar para o PIÁ ficar. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Marilha.

Agora, Sacy Marêrê.

A SRA. SACY MARÊRÊ – Me convidaram para fazer uma intervenção artística.

Oi, gente. Sacy Marêrê. Eu sou artista-educadora na Vila Reencontro, um espaço onde o projeto acolhe famílias em estado de vulnerabilidade social. Oh... Então, senhores, eu quero dizer para vocês, Vereadores, esta Casa, onde estou falando agora, onde pisa a planta do meu pé, o meu chão. Eu Pareci Indígena em contexto urbano, quero dizer para vocês: Na aldeia não existem crianças em situação de rua, abandonadas, distantes da arte, porque a gente é a própria cultura. Nós, povos originários.

E em nome dessas crianças, da Vila Reencontro, eu quero dizer para vocês que a gente precisa continuar, porque a arte transforma, aproxima e reintegra. E as crianças, na cosmovisão indígena, são os guardiões da natureza, da floresta. Vidas importam, vidas animais, vegetais, importam.

Muito obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Sacy.

Vou chamar Alex Barcelos, covereador do Quilombo Periférico.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. ALEX BARCELOS – Primeiro, bom dia a todes. Bom dia!

- Manifestação do público.

O SR. ALEX BARCELOS – Estamos em luta. Companheira, é isso. A gente atende mesmo, essa é a nossa missão aqui. A gente vem da rua, a gente vem do movimento, a gente vem dos espaços e a gente está aqui para servir de ferramenta.

E o que é mais extraordinário é ver a participação da população. Isso é muito louco. As pessoas que vêm do PIÁ, do PIAPI, do Vocacional, a gente começa uma luta lá atrás, com muita luta, para vocês verem, 20, 15, dois anos os projetos e não tinha um projeto de lei.

A gente faz esse resgate. No primeiro ano a gente conversou bastante, mas a gente sabe que, a todo momento, o sistema adocece a gente pelos caminhos. E que cada um também tem que fazer o seu corre, porque às vezes a gente luta, luta, luta e, às vezes, a gente só tem água para beber, na geladeira – já diria Emicida.

Então, o recado que eu venho dar aqui, que é superimportante, é que a gente continue em luta, porque vocês viram que o outro projeto teve 14 assinaturas, o quanto é importante a articulação do Quilombo aqui com outros mandatos, que são parceiros, mas o quanto é importante a incidência de vocês, dentro dos gabinetes, conversar com todos mesmo, assim como a gente fez, não é, Elaine, quando a gente aprovou a Lei de Fomento das Periferias, aqui. Tem que dialogar. É um processo superimportante. É importante também a Secretaria estar aqui. A gente também quer que isso avance para a Casa Civil, para a Secretaria. Vamos exercer essa força popular, que é fundamental.

Vim aqui desejar os parabéns para vocês. Uma salva de palmas, porque esse projeto, realmente, tem uma construção popular. Salve, salve. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Alex. Agora, Claudio Gomes.

O SR. CLAUDIO GOMES – Três minutos. Eu sou um homem preto, de tamanho pequeno, com um monte de ideia na cabeça branca, cabelos brancos, com uma barbicha, tipo barba de bode, também branca.

Eu quero dizer que estou muito honrado de participar neste dia. Neste dia de Ibejis. Salve as crianças, nesta quarta-feira de Xangô, porque a gente trabalha para a vitória.

Eu já tenho 64 anos e eu não vou começar a contar a minha história de aprendizado com arte, porque quando eu tinha quatro anos de idade, não tinha PIAPI. Não tinha política pública de arte. E, depois, não tinha PIÁ também. Não tinha política pública para isso. Quando eu tinha 14 anos de idade, não tinha vocacional. Não tinha política pública para isso.

O pouco que eu aprendi de arte é porque o meu pai herdou, em casa, antes dos 14 anos, um dom, uma prática e uma sanfona. E aí eu aprendi um pouco de convivência de arte em casa, porque em casa se tocava sanfona, pandeiro, e se tocava em todos os lugares. E se tocava muito atabaque também. Então foi por aí que eu aprendi. Mas depois dos 14 anos, da família que eu venho, a gente começa a trabalhar porque tem que ganhar o dindin para construir a casa, porque você, morando não sei aonde, você tem que construir uma casa.

Então quero desafiar a todos nós a fazer esse projeto de lei ser aprovado, e mais rápido do que esse ritual jurídico, legal, legalista nos impõe. É a gente conseguir driblar o sistema mais uma vez, é a gente *hackear* esse ritual de fazer lei. E como é que a gente vai conseguir fazer isso? Vamos conseguir porque agora estamos aqui dentro e não vamos sair mais!

- Manifestação dos presentes.

O SR. CLAUDIO GOMES – A gente não vai sair mais daqui, a gente vai estar aqui toda semana, conversando, dialogando com quem tiver que dialogar para agilizar isso porque essa política pública de arte, de formação cultural dentro da cidade de São Paulo, que eu sei, muita gente pesquisa, não tem coisa similar em outras partes do mundo, temos que conseguir ganhá-la agora e instalar essa política pública no orçamento da Secretaria Municipal de Cultura porque não é possível que não consigamos colocar a rubrica PIÁ, PIAPI ou a rubrica vocacional dentro do orçamento da Secretaria Municipal de Cultura, não é possível! Eu falo porque a gente, como movimento cultural já perdeu uma vez, a gente conseguiu uma lei para as Casas de Cultura, que era o que existia a 30 anos atrás de ensaio de política pública de Cultura, só que não conseguimos regulamentar, não conseguimos união para regulamentar à época, então cada uma foi funcionando como pode, mas agora temos a oportunidade de transformar essa política pública, que a gente já faz na prática, instalá-la dentro da burocracia da cidade.

É essa a oportunidade, é esse o recado, vamos continuar organizados. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Agora é a Iara Lopes.

A SRA. IARA LOPES – Licença, gente, para chegar, quero agradecer quem veio antes e agradecer quem está chegando agora nesse processo de luta. Diante disso, criamos um texto para poder falar um pouco, um combo de tudo. E aí eu trago números porque as pessoas gostam de números, então vamos com os números.

Hoje, estamos aqui para defender e celebrar o programa de iniciação artística, também conhecido como PIÁ um programa que desde 2008 tem-se mostrado fundamental para o desenvolvimento cultural e educacional em nossas comunidades. Os números que temos a nossa frente falam por si só, são 134 espaços que atuam em todo Município, 292 turmas formadas e 5.840 vagas oferecidas, mas o PIÁ é muito mais do que números, ele é um divisor de águas na vida das nossas crianças e adolescentes. A arte é uma forma que expressão que vai muito além do entretenimento, é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento humano, estimulando a criatividade, a imaginação, a empatia e a comunicação. O PIÁ reconhece essa importância, e é colocado no centro das suas ações, proporcionando um ambiente em que crianças e adolescentes podem explorar e desenvolver seu potencial artístico. O programa não se limita apenas ao CEU. Ele atende bibliotecas, casas de cultura, centros culturais diversos e outros espaços das redes intersetoriais do Município. Isso garante que ele seja acessível para todos, independentemente da sua localização geográfica, renda ou origem, ele também promove a diversidade cultural abrangendo várias linguagens artísticas, desde música, teatro, audiovisual, dança e até literatura e artes visuais. Além disso, o PIÁ valoriza os artistas e educadores, oferecendo oportunidade de trabalho para 190 contratações neste ano de 2023. Isso não apenas fortalece a nossa comunidade artística local nos territórios de atuação, mas também proporciona referências para crianças e adolescentes mostrando que a arte pode ser um caminho gratificante. Não podemos ignorar os impactos positivos que o PIÁ tem em nossas crianças e adolescentes, ele ajuda a mantê-los engajados na educação escolar, a melhorar seu desempenho nos estudos e desenvolver habilidades essenciais, como convivência, resolução de problemas e pensamento

crítico e criativo. Também proporciona senso de pertencimento e orgulho nas nossas comunidades, mostrando a valorização da educação e a cultura. Os números mostram que o PIÁ está fazendo a diferença nas nossas vidas. As turmas formadas em 2023 chegam no número 292 representando um grupo de crianças e adolescentes que estão descobrindo muito mais sobre a arte. Então, temos 5.840 vagas oferecidas representando 5.840 oportunidades para crianças e adolescentes expressarem e se desenvolverem de forma integral.

Portanto, hoje peço a todos para continuarem a apoiar e investir no programa PIÁ de iniciação artística. Ele é parte vital da nossa comunidade e está moldando o futuro das nossas crianças e adolescentes de maneira positiva e significativa. Juntos podemos garantir que a arte e a cultura continuem prósperas e o nosso Município, os nossos jovens tenham oportunidade que merecem.

Agradeço e puxo o coro: brincar é um direito, cultura é um direito!!

Agradeço, gente! (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Iara.

Agora é Esthefan Leal.

O SR. ESTHEFAN LEAL – Bom dia. Eu sou Esthefan Leal. Vou fazer a minha autodescrição: sou uma pessoa transmasculina, não-binária, estou com a voz bem zoadá, estou doente, mas eu fiz questão de estar aqui, essa luta é muito importante para todos nós. Estou usando uma camisa xadrez em azul, uma calça preta e um coquequinho preso, aqui atrás. Tenho a pele clara e sou da quebrada da ZL. Este ano estou como coordenadora artística pedagógica juntamente com Talita Duarte, que representa a região Centro, Oeste e Norte; eu represento a zona Leste e a Gustav que não pode estar, mas está acompanhando *on-line*, que é nossa parceira, coordenadora da Sul.

Eu sou cria da quebrada, sou da ZL onde nasci, cresci e participei de políticas públicas, mas não na minha quebrada porque na época não tinha acesso, então tinha que ir na zona central para estudar música, que é a minha linguagem. E venho também destacar a relevância das políticas afirmativas do programa, que fazem parte da luta dos que vieram antes

e de nós, que permanecemos vivos e resistindo dentro do programa, pessoas trans, travestis, não-binarie nessa nossa representatividade de educadores, artistas, cidadãos, mas também das crianças e das famílias diversas que temos no nosso território da cidade de São Paulo e cada vez que uma criança vem e se identifica comigo, conversa comigo, outros companheiros que são da comunidade LGBTQIA+ é um ganho, um ganho para toda cidade porque, por muitas vezes, pensei em desistir não só da carreira, mas da minha própria vida e a arte foi ferramenta importante para que eu resistisse, sobrevivesse, e eu escuto esses relatos das crianças e também das famílias.

Quero dar um salve para toda comunidade LGBTQIA+ que faz parte do programa, é acolhida, escutada, que a gente permaneça nessa luta porque crianças trans existem e elas precisam de apoio de toda sociedade para que a gente dê o acolhimento e às famílias também, para que a gente acolha como um todo, através dos programas e da arte que é uma ferramenta de transformação e de pertencimento como sociedade também.

Eu estou muito feliz de estar aqui, fazendo parte desta luta. Saúdo todos os que vieram antes e agradeço aos que confiaram no meu trabalho. Infelizmente, somos marginalizados na sociedade, mas os programas nos trazem para dentro e para perto, assim como trazem as famílias, as crianças, os bebês, os funcionários e trabalhadores de toda comunidade. É essa diversidade que torna a nossa cidade tão colorida, potente e tão bonita.

Espero que o PL avance, que a gente venha obter essa conquista, para em breve a gente se reencontrar e celebrar a aprovação. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Esthefan.

Agora chamo a Lu Félix.

A SRA. LUCIANA FÉLIX – Gente, bom dia. Nossa, gente, que fraquinho. Bom dia.

- Manifestação do público.

A SRA. LUCIANA FÉLIX – Ah agora. A vantagem de ser a última é que eu já fui contemplada.

Eu sou a Luciana Félix, sou uma mulher que tardiamente me reconheci como uma mulher negra. Mas a minha herança indígena sempre... minha mãe sempre ressaltou muito, mas a negra foi um processo mais longo. Hoje, eu me reconheço como uma mulher negra, com ancestralidade indígena, da pele marrom, não sou retinta. Cabelos cacheados na altura do ombro, estou de blusa vinho, saia *jeans*, sandália de couro vinho comprada em Pernambuco, porque eu não sou obrigada. E com a minha guia, hoje estou com a guia de Exu, preta e vermelha, e com o colarzinho que ganhei na Paraíba. Hoje estou toda no Nordeste.

Bom, sou artista orientadora, na linguagem música. Primeiro, quero agradecer todo trabalho da mandata do Quilombo Periférico, por estar apoiando a gente dentro do Programa Vocacional PIÁ, PIAPI. Peço licença para falar, por quem veio antes, peço licença também para quem está chegando agora e para quem está comigo já há algum tempo.

Eu quero agradecer porque estou hoje aqui, enquanto orientadora, por conta das cotas, por conta dessa política, e por pessoas que estão nesta mesa, um processo que se iniciou lá atrás. Porque antes de 2017 e 2018 tinha de ter PhD para poder fazer o bagulho acontecer. Eu não tinha PhD, eu sou figurinista. Estou na cultura popular desde 2010, fazem 13 anos. Então o meu fazer que é notório, que aprendi com mestres e mestras, não é possível estar num diploma, não tinha como estar, tentei aquela linguagem... Como?

- Manifestações simultâneas fora do microfone.

A SRA. LUCIANA FÉLIX – Interdisciplinar. Eu falava no teatro, sou figurinista, costuro e tal, vamos nisso aí. Só que não foi possível. Esperei, tentei de novo, em 2021, no meio da pandemia. Estou aqui até hoje.

Como já fui contemplada, bom por isso, tudo o que já foi dito aqui. Então quero agradecer de estar aqui por essa política e também dizer que estou no GT trabalhista, quero agradecer aos meus companheiros e companheiras. Estou também no GT de culturas tradicionais populares, eu e Queila Rodrigues, na linguagem de literatura. Queilinha, você está aí fora, beijo, meu amor.

A gente se enfiou de cabeça nisso. Desde 2021, a gente já troca essa ideia nas reuniões gerais de que a cultura tradicional popular precisa estar inserida dentro do Programa Vocacional de fato. Eu me encaixei na música, porque é o que dava para fazer. Mas eu não só toco maracatu, não só toco violão, não toco guitarra, eu faço os tambores soar. Eu sou regente também de uma companhia de maracatu.

Então é sobre isso, é sobre garantir que mestres e mestras estejam aqui com a gente, esses brincantes. Eu não gosto da palavra brincante, mas tudo bem. Os artistas que têm as suas funções dentro de grupos que, em São Paulo, existem muitos grupos que carregam culturas tradicionais, que já são até reconhecidos como o Guto de Guaianases, como o Samba de Bumbo lá dos Sucatas Ambulantes, como Babalotim. Então só três exemplos na zona Leste, porque eu sou da zona Leste, inclusive. Só três exemplos zona Leste, fora outros no Morro do Querosene, e tal.

Nós temos essas pessoas, onde elas estão? Por que elas não estão aqui? Porque a gente precisa também que dentro do programa garanta o acesso para essas pessoas, para que pessoas como eu tenham também a oportunidade de receber as pessoas, os inscritos, as inscritas, que queiram aprender um pouquinho mais sobre culturas tradicionais populares desde a primeira infância. Porque a minha mãe já conta a história do Saci, que a gente ouve desde quando é criança. Não só do Saci.

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Concluindo.

A SRA. LUCIANA FÉLIX – Então é isso, gente. Muito obrigada, vamos aprovar essa lei aí e garantir os acessos para todes nós. É isso aí, é nós. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – A gente já está encerrando, tem só mais a Jenyffer e a Gih. Aí a gente encerra as inscrições.

A SRA. JENYFFER NASCIMENTO – Salve. Boa tarde já. Eu estou com uma cola aqui porque quero falar várias coisas, três minutos é um tempo espremido para tantas emoções.

Sou uma mulher negra miscigenada, de pele clara, cabelo crespo cacheado. Estou usando brinco, *piercing* e vários adornos, enfim, eu adoro me adornar, vestido vermelho. É isso.

Eu queria falar um pouco desse processo, desses últimos quatro meses que o GT interprogramas tem vindo à Casa, onde temos feito reuniões. A gente sabe que esse GT representa os três programas e muitas vozes. Acho importante ressaltar o comprometimento nesse processo de revisão e reelaboração desse substitutivo. É importante dizer que foi labuta, muitas horas de reuniões, de conversas, de marcar e desmarcar, de datas que a gente queria ter protocolado o projeto, de prazos que a gente precisou mudar. Isso também estava gerando expectativas, finalmente, conseguimos, na quarta-feira passada, no final do expediente, com compromisso também muito bom da nossa equipe do jurídico e, finalmente, o PL está aí.

Quero ressaltar esse compromisso e comprometimento do GT, vi que tem vários outros, mas quero agradecer mesmo quem está no corre, quem conseguiu vir aqui, quem participou *on-line*, representando as vozes múltiplas dos artistas educadores, artistas orientadores e tantas outras coisas.

Tem sido um prazer e privilégio atuar com vocês para que a gente consiga aprovar esse projeto de lei. É de brilhar os olhos, têm artistas educadores e várias pessoas que estou vendo hoje que estão no programa e eu não sabia. São pessoas que eu admiro muito. Acho que esta sala e lá embaixo também representam uma ampla diversidade. A gente vai em outros espaços educacionais e a gente não vê os nossos corpos e as nossas corpos. Então acho muito significativo aqui.

Tem pessoas que estão no PIÁ, no Vocacional e no PIAPI que me formaram quando eu tinha 16 anos, quando eu fazia oficinas em Diadema, porque não achava nada em São Paulo, enfim, eu era uma jovem ligada ao Hip Hop. Essas pessoas também estão aqui, Marcelinho, Drica, muito obrigada, vocês também me formaram e são uma referência para mim. É muito bom poder estar lutando com vocês para a gente concretizar esse PL.

Acho que preciso agradecer muito à mobilização. Não existe processo sem mobilização, ou as coisas andam muito diferente se a gente não estiver mobilizado nos programas. Quem me conhece sabe, eu não sou muito de falar, mas acho que é importante ressaltar esse compromisso de estarmos mobilizados para a aprovação desse PL em campanha

permanente dentro desta Casa, falando comigo, com a Elaine, com o Alex, mas falando com todos os Vereadores. Nós temos 55 Vereadores nesta Casa, e os 55 deveriam assinar esse PL. eu acho que a gente pode brigar por isso, porque esse projeto é importante para a cidade inteira e referência para o mundo, vamos colocar assim. Eu acho que é isso mesmo.

Agradeço a todo mundo que veio. O compromisso de vocês estarem aqui, numa quarta-feira de manhã, lotar este auditório e o debaixo. Espero que numa próxima vez possamos estar num espaço maior para que estejamos todos juntos. É isso, gente. Agradecer porque, de fato, tem sido sensacional estar com vocês e eu sou uma entusiasta. Sou do Quilombo Periférico, estou na assessoria, mas vocês podem ter certeza de que estamos movendo tudo o que for possível e necessário. Eu também sou poeta, enfim. Eu acho que precisamos, mesmo, replicar os nossos conhecimentos para os nossos, para as nossas pessoas, para as nossas quebradas, nos espaços de educação, nos espaços de cultura.

Então, envio um salve mesmo, a todos vocês. Vocês são demais. Obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Encerrando as falas, tem a palavra a Sra. Gih Trajano.

A SRA. GIH TRAJANO – Posso pedir um favor? Não comece a contar o cronômetro agora, não, porque, antes, eu preciso mostrar para vocês o que é um artista educador improvisado. Então, eu vou pedir para a Ligia, para a Vereadora Elaine do Quilombo Periférico e para o Mafalda, que não me conhecem – e eu ainda não os conhecia –, para que pensem, rapidinho, enquanto eu me descrevo de maneira diferente de todo mundo, em uma palavra, para vocês me dizerem, para eu mostrar para vocês o que é o artista periférico que estamos aprontando no Piá. É uma palavra. É coisa rápida, enquanto eu me descrevo, e eu já peço as suas palavras. Está bem? Não meçam as suas palavras.

Eu sou Gih Trajano. Sou nascida em Suzano, filha de um alagoano e de uma baiana. Eu não vou me descrever como eu estou, porque geralmente eu sou aquela que ninguém enxerga. Geralmente, eu sou aquela que anda na rua e não é notada. Geralmente, eu sou aquela

que fala e não é ouvida. Por incrível que pareça, eu sou invisível. As políticas públicas não chegaram até mim durante muitos anos. Demorou 45 anos para que as políticas públicas chegassem até mim, sejam elas de cultura, de formação, de educação. Foi preciso que eu estivesse em uma biblioteca dentro de um presídio para que a política pública, a poesia, a cultura, a arte e a educação me alcançassem.

Eu faço, eu penso nos muitos meninos que estão nesse calor, dentro da Fundação Casa – e para eles também não chegam. Penso nos muitos detentos que estão dentro dos presídios. Para eles, também não chegou. Chegaram a marginalidade, a criminalidade, a ostentação, querer a Lacoste, a Gucci, a Versace, as Hornets, mas não chegou querer ser artista, de fato. Eu sou aquela que a sociedade não enxerga, mas eu queria muito falar em nome daqueles que também não são vistos. É cada morador de rua nessa calçada, que ignoramos.

Então, vamos pensar que é para eles, também, que temos de fazer arte de rua. Temos de fazer arte de rua para as crianças que estão lá, para as crianças que foram e para as crianças que esqueceram como é ser criança. É tomar banho na chuva. É brincar de terra. Sabem? É dizer “atirei o pau no gato” e não se preocupar com o politicamente correto. Criança tem de ser inocente. Nós estamos engajando nossas crianças em pautas políticas com lugares de fala, mas nós estamos nos esquecendo de que nós tratamos de inocentes e por meio dessa inocência nós vamos gerar adultos melhores, adolescentes melhores, e nós não os veremos mais na Fundação Casa, nem nas cadeias.

Vocês têm as suas palavras, por favor?

- Manifestações simultâneas fora do microfone.

A SRA. GIH TRAJANO – Felicidade, feitiço, acesso...

- Oradora passa a cantarolar.

A SRA. GIH TRAJANO – Eu sinto cheiro de felicidade no ar. Eu sinto cheiro de que esse PL vai passar e geral vai sair nessa avenida, cantando, gritando e dizendo: “Olhem o feitiço que esses pretos fizeram. Olhem o feitiço que esse bando de artista educador marginalizado fez.” Nós somos aquilo que a sociedade não quer, aquilo que todo mundo julga. Dizem: “Ah, mas,

lá vem esse bando de mulher?” Nós estamos quebrando nossas correntes, sim, e ai daqueles que disserem que as mulheres trans também não estão na luta. Ai daqueles que disserem que os homens trans também não estão na labuta. Ai daqueles que disserem que os nossos adolescentes marginais não são meus companheiros de fala. Eu esqueci a tua palavra.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. GIH TRAJANO – Ah, eu me esqueci justamente daquilo que nos falta. Falta assunto. Falta acesso. Falta luta. Falta progresso. Falta acesso. Quem sabe que pode estar aqui, hoje? Eu ouvi mães dizendo que nem todas podem estar aqui. Quem dera todos tivessem acesso à cultura, à educação, à pedagogia. Se é para ser doutor, eu sou apenas a filha da Dona Maria, mas eu sou doutora honoris causa desta vida. Sou doutora pedagógica de vocês. São vocês que me ensinam. É o GT de Políticas Públicas. Está na fala do meu supervisor. Está na fala do meu companheiro de trabalho que está lá embaixo, com a companheira. Está aqui.

Eu pego o telefone e ligo para a Jenyffer em um domingo à tarde. Eu pego o telefone e ligo para o Alex em um domingo à tarde. Pegamos a Bia, às 7h da noite, e falamos, assim: “Mulher, nós não dormimos hoje se esse PL não for protocolado.” A Bia pega a batata quente e fala: “Me dá, que eu faço purê.” É isso. Batata quente não se joga. Batata quente se faz. Nós pedimos para aqueles que dizem que são os nossos funcionários apenas uma coisa: faça o seu direito e eu faço o meu.

Quando eu quiser falar isso para vocês, lembrem-se de que há vários sentados aqui. Seja branco, seja preto, seja amarelo, eu não ligo para cor, porque a criança, quando tem fome, quando chega a um teatro iluminado, fala, assim: “Puxa, tia, aqui é de rico, não é?” A voz do meu companheiro diz: “Não, isso aqui é de todas as pessoas.” É para lembrar que esse lugar não é só para estarmos aqui na hora de votar. É para mudar. É para o PL passar. É para a felicidade entrar. É para a cultura chegar. É para a informação vencer e, se precisar, nós fazemos feitiço, sim. Afinal de contas, hoje é dia de erê. Vamos fazer acontecer o PL aprovar e, se não passar, vamos botar os blocos na rua e viremos para cá. Um dia, vamos sair daqui gordos como eu, cheios de felicidade, porque passar esse PL para nós é prioridade.

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Sra. Gih.

Obrigada a todas, a todos e a todes que estão aqui, hoje. Já encerramos o nosso tempo, mas eu quero só fazer uma última fala. A Sra. Jenyffer já falou bastante de uma coisa que eu acho fundamental: encerramos esta audiência. Se é para termos um encaminhamento, o encaminhamento é que continuemos lutando por esse PL dentro desta Casa.

Conseguimos protocolar isso na quarta-feira, depois de sete dias. Temos as assinaturas, já, Sr. Cláudio, dos Vereadores Coronel Salles, Cris Monteiro, Elaine do Quilombo Periférico, Hélio Rodrigues, Jussara Basso, Professor Toninho Vespoli, Senival Moura, Sidney Cruz e Sílvia da Bancada Feminista. Precisamos de mais 10 assinaturas para o PL conseguir passar, agora. Então, vamos continuar trabalhando por essas 10 assinaturas e pedimos para que cada um de vocês, como vocês falaram, continue, também, trabalhando, ligando, batendo à porta dos outros Vereadores, apresentando esse PL com o carinho que o PL merece, porque assim conseguimos essas 10 assinaturas. Depois, o debate é com o Executivo, com a Secretaria, para conseguirmos colocá-lo para aprovar e, depois, regulamentar e fazer a festa que já nos prometemos, quando ele for aprovado. Obrigada, gente.

Vamos fazer uma foto no final. Se pudermos nos reunir, vamos para aí e tiramos uma foto com todo mundo, por favor. Tiramos uma aqui. Depois, descemos e tiramos uma com todo mundo. Está bom? Só deixem-me dar o encerramento regimental.

Não havendo mais oradores inscritos e mais nada a ser discutido, dou por encerrada esta audiência pública.

Muito obrigada.